

A HETEROCRONIA NA NARRATIVA DE UM ERRO EMOCIONAL, DE CRISTÓVÃO TEZZA

Patrícia Mariz da Cruz (UFRRJ)

patricia-mariz@hotmail.com

Maria Fernanda Garbero de Aragão (UFRRJ)

1. Introdução

A rememoração ou memória pode ser compreendida como um momento ou uma situação que causou uma afetação na vida do homem que, ao se encontrar no presente, pode visitá-la de forma involuntária ou não. Ao realizar a visita às “cenas de seu passado”, o indivíduo é imerso em um momento passado vivido, que se conecta ao presente e projetando-se também como/e no futuro, tempo do desejo, do vir a ser.

Assim, a reminiscência também pode causar uma ruptura no espaço e no tempo com o qual o se vive, uma vez que a volta ao passado pressupõe um reencontro no presente, engendrando temporalidades em concomitância e, porque não, caos.

Deste modo, a ruptura compreende as noções de *heterocronia* e *heterotopia*, de acordo com os termos propostos por Michel Foucault, em *Outros Espaços* (1984). Neste texto, o filósofo argumenta que o corte com o tempo em que nos encontramos, proveniente de inserções advindas de projeção de outros espaços e tempos, ocasionaria uma quebra com o cenário em que nos situamos. Assim, uma nova dimensão espaciotemporal passa a dialogar (e interferir) com as experiências do tempo presente.

Ambas as propostas podem ser compreendidas se encontradas na narrativa de Cristóvão Tezza, intitulada *Um erro emocional* (2010), em que os personagens Beatriz e Paulo estão inseridos numa situação – um jantar na casa da personagem feminina – em que os dois experienciam rememorações, a partir de pequenos instantes, como polaroides capazes de desencadear um cenário também preenchido por fantasmagorias.

Durante tais momentos, o leitor pode perceber que as relações afetivas passadas, como por exemplo, com os pais e os ex-cônjuges, são as “condutoras” do caminho percorrido por uma memória enviesada por experiências traumáticas por ambos vivenciadas. É da ausência desses personagens de outrora que o leitor enxerga a presença de uma narratividade

que, ao situar-se na necessidade de presentificar o ser ausente, faz com que Paulo e Beatriz evidenciem a construção de um diálogo cíclico, ora lido como possibilidade afetiva viável às personagens.

2. *Memória: Heterocronia e Heterotopia.*

Ao escrever *Outros Espaços*, em 1984, Michel Foucault propõe o conceito de *Heterocronia*, que pode ser compreendido como a inserção de outros tempos capazes de irromper o momento em que se vive, isto é, as pessoas estão inseridas no tempo presente, mas vivem, paralelamente, outras temporalidades. Tal conceito propõe uma perspectiva que, ao romper com a tradicionalidade temporal, evoca a inserção, em sincronicidade, de memórias vividas, projetadas, imaginadas. Com isso, pode-se notar que o personagem transita entre seu passado, bem como o que se lhe configura como presente e o que lhe espera, imaginariamente, como futuro, tempo fortemente marcado pela hipótese que por si acarreta.

Viver simultaneamente em dois momentos pressupõe também viver em dois ou mais espaços ao mesmo tempo, conforme Foucault: “O seu primeiro princípio é de que não há nenhuma outra cultura no mundo que não deixe de criar as suas heterotopias” (FOUCAULT, 1984, p. 5). Assim, a *Heterotopia* pode ser compreendida como outro espaço que o homem vive, além do que está sendo vivenciado no presente, ou seja, é a inserção de outro espaço no espaço considerado real.

Na narrativa de Tezza, é da cena do jantar que vemos emergir um pretérito que, fantasmagoricamente, preenche o cenário de Paulo e Beatriz. “Cometi um erro emocional” é a frase que abre a sequência de diálogos encenados no encontro entre os personagens. Como num teatro²¹, é como se víssemos a luz acender-se sobre Paulo, uma luz difusa, imprecisa, capaz de iluminar todas as falas posteriores. Com efeito, é neste momento que o leitor lê as rupturas e projeções que ali se desenham. O erro emocional a que se refere o personagem evidencia também, no presente, uma experiência que o conecta com histórias afetivas por ele vivenciadas, histórias que, a partir do momento que se cruzam na porta de Beatriz, passam a interferir na linearidade da cena lida.

²¹ Em decorrência dos diálogos propostos por Tezza em *Um erro emocional* (2010), parece-nos oportuna a aproximação com o contexto teatral. Nesta perspectiva os personagens parecem atuar, seguindo um roteiro composto por experiências afetivas do passado.

Deste modo, percebe-se que os dois conceitos propostos por Foucault atendem às narrativas de memória, uma vez que, ao rememorar suas vivências, o personagem não está inserido somente no espaço e tempo atual, como, também, no espaço e no momento em que foi levado e/ou levou à sua memória. Foucault ainda propõe que a entrada nos espaços e nos tempos pelo sujeito seja compulsória, isto é, feita de forma involuntária, mesmo quando o indivíduo apresenta o desejo de se enveredar pelos caminhos de sua memória. Embora, inicialmente, possamos pensar que há certa voluntariedade neste movimento, a imersão ao passado provoca uma reconfiguração na maneira de atuar no tempo em que se encontra. Logo, o que antes parecia ausente ganha uma corporeidade narrativa que interfere e dita a experiência dos personagens em cena. De acordo com os termos de Foucault:

... As heterotopias pressupõem um sistema de abertura e encerramento que as torna tanto herméticas como penetráveis. Geralmente, uma heterotopia não é acessível tal qual um lugar público. A entrada pode ser ou não compulsória, o que é exemplificável pelas prisões e cavernas, ou através de um rol de rituais e purificações, em que o indivíduo tem de obter permissão e repetir certos gestos (...) (FOUCAULT, 1984)

Assim, a memória traz uma referência demarcada por particularidades imbricadas na composição individual dos personagens. Por mais que haja uma inserção a contextos compartilhados, como no caso do jantar de Paulo e Beatriz, o modo de perceber e sentir o que a situação lhe sugere singularidades (GONÇALVES, 2011). Portanto, dois indivíduos que experimentam o mesmo contexto situacional terão reminiscências distintas, porque o “sabor” experimentado, sentido, foi diferente. É por meio dessa experiência compartilhada, porém, observada de modo distinto, que o escritor Cristóvão Tezza, compõe a narrativa de *Um erro emocional*.

3. *As reminiscências de Paulo e Beatriz.*

Como mencionamos, a história gira em torno de dois personagens, inseridos em um único espaço e tempo: um jantar à noite, na casa de Beatriz. Paulo é um escritor de certo nome e Beatriz, uma revisora de textos. Logo no início do livro, o leitor tem acesso à ruptura espaciotemporal ali configurada:

Cometi um erro emocional, Beatriz se imaginou contando à amiga dois dias depois – foi o que ele disse assim que abriu a porta, o tom de voz neutro,

alguém que parecia falar de uma avaliação da Bolsa, avançando sem me olhar como se já conhecesse o apartamento (...) (TEZZA, 2010, p. 7)

É da revelação de Paulo que os dois iniciam os diálogos e, ao mesmo tempo, são levados a outros espaços e situações, através da memória tecida por imagens de personagens que, ausentes ao jantar, são continuamente recuperados e ganham protagonismo na projeção de afeto ensaiada entre Paulo e Beatriz. Obviamente, essa ausência denota, ao leitor, o tempo em que esses personagens se inscrevem: fazem parte de outras relações. Contudo, é da possibilidade de narrar o afeto ali emergente que, lentamente, elas vão sendo retiradas da memória, e vão ditando, como fantasmas, os receios e desejos dos dois personagens presentes no jantar.

Não é gratuitamente que lemos a escolha do nome Beatriz na narrativa de Cristóvão Tezza, a qual passa a ser considerada como um intertexto com a *Divina Comédia*, de Dante Alighiere. Do Inferno ao Paraíso, a procura por Beatriz faz com que Dante teça reflexões que questionam nossas compreensões do mundo, guiado pelas mãos do poeta latino Virgílio. A partir de tal escolha, ambos os livros estarão sempre relacionados, buscando também a memória do leitor que precisa criar inferências capazes de dar sentido a tal relação.

Através dessa alusão, podemos observar também que Tezza insere dois personagens na narrativa com o mesmo nome – Beatriz. A primeira a aparecer é a que divide a cena com a qual acontece a história. A segunda é uma possível rememoração de Paulo, mencionada com o mesmo nome da revisora de texto. Não sabemos se ela era realmente assim chamada, entretanto, pode-se perceber que tal escolha demonstra a posição social diferente em que ambas ocupam: a redatora de textos e a prostituta, que se encontra à margem da sociedade. Esta é evidenciada quando o escritor se recorda de que existiu outra Beatriz em sua vida:

... Beatriz – a outra – abriu sorridente a porta para seu pai, e o menino piscou os olhos feridos pela luz da janela que invadiu o corredor escuro do sétimo andar. (...) – Quando eu fiz 15 anos, depois de fugir de casa, meu pai me levou pela mão a uma prostituta para que eu fizesse minha iniciação sexual. (TEZZA, 2010, p. 132-133).

Por meio desta lembrança, podemos pensar que Paulo, de certa forma propõe uma revitalização do périplo de Dante, atualizando versões de seus particulares Purgatório e Inferno, espacialidades que flertam com o tempo passado.

Através de tal exemplo, podemos perceber que o leitor consegue, por inferências, distinguir os tempos e espaços nos quais Paulo e Beatriz se encontram, isto é, passado e presente se mesclam, porque ele é inserido nas lembranças de ambos os personagens. Como já foi dito anteriormente, tais lembranças são desencadeadas por meio de situações ou até mesmo as palavras ditas no diálogo aos quais os personagens estão imersos. Por mais que eles estejam em uma mesma cena, Paulo e Beatriz não compartilham o mesmo espaço em suas memórias, pois eles acabaram de se conhecer e, por isso, não possuem as mesmas reminiscências, isto é, os personagens não têm memórias de situações que viveram juntos, somente a de outro jantar, acontecido na noite anterior, momento em que se conheceram. Portanto, durante a narrativa, o leitor pode perceber que as situações narradas, tanto por Paulo, quanto por Beatriz, são mais individuais do que aquelas vividas em comum pelos dois. Contudo, é pela narrativa de um passado tecida a quatro mãos que vemos a possibilidade de uma nova história começar. Agregada ao vivido, a novidade emerge tingida por eventos e sensações advindas de um arquivo afetivo mítico.

Paulo e Beatriz são sempre levados (ou levam) por suas experiências passadas, através de palavras ou situações que continuamente são reelaboradas nesse jantar. Entretanto, ao contrário de novos sentidos viáveis à criação de uma nova relação afetiva, ressignificação interrompida é plasmada no desejo de memória. Tal fato pode ser relacionado com as afirmações de Foucault a respeito da *Heterotopia*, em que os personagens são levados ou procuram suas reminiscências, uma vez que se deparam com situações que desencadeiam memórias que lhes afetaram. Essas, na maioria das vezes, estão interligadas com as relações afetivas que os personagens tiveram ao longo de suas vidas. O impacto causado pela relação amorosa com os ex-cônjuges dos personagens e a relação com seus respectivos pais é o caminho percorrido pelas lembranças que os personagens têm ao longo da narrativa.

Além desses tipos de relações afetivas, o leitor também se depara com a amiga imaginária de Beatriz, chamada Doralice, com a qual a revisora de textos conversa em praticamente todas as reminiscências por onde transita. Essa amiga é criada pela revisora, uma vez que esta se encontra sozinha, não possuindo muitos amigos. “(...) Eu tenho uma amiga imaginária, ela poderia dizer a ele, com o tom faceiro de quem se recusa a crescer” (TEZZA, 2010 p. 186). Paulo também se mostra, no decorrer da narrativa, um homem solitário, sem contatos familiares ou muitos amigos com que contar. Deste modo, podemos perceber que os dois per-

sonagens necessitam da presença de afeto. O culto aos mortos, também citado por Foucault, em *Outros Espaços* (1984), é notado na narrativa de Tezza, pois os personagens sempre se lembram de seus pais, que são a primeira forma de afeto com o qual o ser humano tem contato. Mais especificamente a figura masculina é de extrema importância em *Um erro emocional*, uma vez que os pais de ambos marcaram a vida (de forma diferente) de Paulo e Beatriz.

No caso de Paulo, seu pai foi uma figura marcante nas reminiscências dele porque se mostrou sempre muito duro e inflexível na relação com o filho, ao contrário do pai de Beatriz, mostrado como um ser amoroso e que faz com que o personagem demonstre sentir falta da figura paterna. Ambos os pais estão mortos e, por isso, voltar a eles significa cultuá-los para que não caiam no esquecimento. Foucault explica tal culto como um modo da sociedade crer na imortalidade da alma, através da memória:

... no momento em que já não se crê com tanta segurança que se tem uma alma ou que o corpo alguma vez recupere a vida, é talvez importante assegurar maior atenção ao corpo morto, que é em última instância, o único traço da nossa existência, quer no mundo, quer na linguagem. Em todos os casos, é a partir do século dezanove que todos começam a ganhar o direito de ter sua própria caixinha para a sua própria decadência pessoal. (FOUCAULT, 1984, p. 6)

Tal caixinha descrita por Foucault pode ser relacionada como a memória. É certo que ela sempre existiu, entretanto ele se refere no direito consciente que o sujeito adquire em cultuar os mortos, através das suas lembranças, para que não fiquem no lugar ao qual pertencem, no passado.

Logo, percebe-se que a memória é o “lugar” em que o sujeito encontra sua subjetividade, podendo, até mesmo, tornar-se um espaço de exílio, como defende Jeanne Marie Gagnebin em *Memória, história e testemunho* (Memória e Ressentimento, 2004). A autora argumenta o raciocínio de Walter Benjamin, em *Experiência e pobreza*: “(...) o indivíduo burguês procura um refúgio contra o anonimato cruel da grande cidade (e da grande indústria)”. (GAGNEBIN. 2004 p. 88)

De acordo com o pensamento proposto por Walter Benjamin e ratificado por Jeanne Marie, a memória, por ser da ordem subjetiva, está sempre presente na vida das pessoas e, por isso, deve ser falada ou escrita e até mesmo rememorada, para se fazer presente, pois, assim, não se per-

de no passado. Logo, ela está ligada ao presente, como afirma Foucault, com os conceitos de *Heterocronia* e *Heterotopia*.

O sujeito contemporâneo pode não conseguir se encontrar em um lugar somente seu, uma vez que os artifícios empregados na vida atual não permitem tal tipo de privacidade. É possível que o único espaço em que ainda se possa encontrar isso seja na reminiscência. Podemos perceber que para os personagens de *Um erro emocional*, ela é um lugar de exílio em que os personagens se encontram com seu passado e com as sensações que este lhe causou.

Enfim, na narrativa de Cristóvão Tezza podemos notar que o tempo e espaço dos personagens, Paulo e Beatriz, são sempre irrompidos através de situações vividas no presente, tempo em que eles dividem a mesma cena, em que relembrou outras situações vividas no passado. É por meio delas que Foucault define o conceito de *Heterocronia* e *Heterotopia*, uma vez que os personagens também representam essa mobilidade e, embora se encontrem num jantar pontual, os tempos e paisagens que se cruzam redefinem a temporalidade tradicional, propondo, assim, uma perspectiva de deriva. O modo como as lembranças afetam ambos é particular, ou seja, a reminiscência pode ser compartilhada, os dois viveram a mesma situação, entretanto, as impressões são distintas, variando de acordo com a subjetividade do sujeito.

A “entrada” nas reminiscências pode ser voluntária ou não, entretanto ela é necessária, porque o passado, de acordo com Walter Benjamin, deve ser visitado sempre, para que não se perca nele mesmo. Deste modo, o passado precisa do presente para ser recriado, reinventado e revisitado. Essa necessidade das lembranças passadas fica evidente na narrativa de *Um erro emocional*, pois os personagens relembra situações e pessoas que mais lhe afetaram até chegar à cena a qual se encontram.

4. Conclusão

Um erro emocional demonstra que tempo e espaço podem ser irrompidos quando se trata de memória. O passado se conecta ao presente, engendrando uma hipótese de futuro. Com a ruptura do tempo, o espaço também se quebra e deste modo, configuram-se novos encontros em momentos e lugares diferentes, simultaneamente.

Deste modo, Tezza insere dois personagens que praticamente não se conhecem, dividindo a única cena do tempo real do livro. Os outros

espaços e tempos não serão compartilhados por Paulo e Beatriz, sendo uma ruptura que acontece de modo particular. Logo, podemos pensar neste lugar – a memória- como um exílio, em que os personagens se encontram consigo mesmo, diante de suas antigas relações, ora revisitadas.

O tempo é outro. Não pensamos somente num passado, muito menos se a ele apliquemos a noção cronológica, datada. Este retorno, com efeito, pressupõe a imaginação, o transbordar de imagens provenientes de um forte arquivo afetivo mítico acionado por motivos que, fantasmagoricamente, assombram a cena do jantar em que a narrativa, a princípio, se situa. Como um cenário redimensionado, este espaço coaduna sensações, experiências, medos, traumas e uma série de probabilidades inscritas num futuro rasurado por erros emocionais cometidos, imaginados e, sobretudo, projetados sobre um presente dúbio, que ao mesmo tempo aparece como hostil e necessário ao afeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

TEZZA, Cristóvão. *Um erro emocional*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FOUCAULT, Michel. *De outros espaços*, 1984.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória e esquecimento: linguagens e narrativas. In: _____. *Memória e ressentimento*. Unicamp, 2004.

GONÇALVES, Taís de Lacerda. Subjetividade e narrativa literária: a exploração fictícia das situações humanas em Jean-Paul Sartre. In: _____. *Subjetividade e literatura*. Rio de Janeiro: Nau, 2011.

ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia*. São Paulo: Atena, 2003.